



**UMA DOCÊNCIA NARRATIVA: DOCUMENTAÇÃO PEDAGÓGICA NA  
EDUCAÇÃO INFANTIL**

**FERNANDA DE JESUS DO CARMO**

**SÃO PAULO**

**2020**

**FERNANDA DE JESUS DO CARMO**

**UMA DOCÊNCIA NARRATIVA: DOCUMENTAÇÃO PEDAGÓGICA NA  
EDUCAÇÃO INFANTIL**

**Trabalho realizado sob a orientação da Profa. Maria Helena Pelizon, em exigência parcial, para a obtenção do certificado de especialista, como concluinte do curso de Pós-Graduação Lato Sensu "A vez e a voz das crianças: a arte de escutar e conhecer narrativas, linguagens e culturas infantis"**

**SÃO PAULO**

**2020**

**FERNANDA DE JESUS DO CARMO**

**UMA DOCÊNCIA NARRATIVA: DOCUMENTAÇÃO PEDAGÓGICA NA  
EDUCAÇÃO INFANTIL**

Aprovada em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

Banca Examinadora

---

Professora: Maria Helena Pelizon

---

Professora: Dra. Marina Celia Moraes Dias

---

Professora: Dra. Celia Regina Batista Serrão

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço, primeiramente, a Adriana Friedmann e A Casa Tombada por realizarem um curso com uma proposta humana e sensível, promovendo o meu amadurecimento e ampliação do repertório enquanto Professora de Educação infantil.

À Escola Primeira que há oito anos me acolhe dando a oportunidade de vivenciar momentos encantadores e transformadores.

A cada criança que me fez acreditar, com mais força, no meu olhar sensível e na importância que ele tem na construção de uma prática pedagógica.

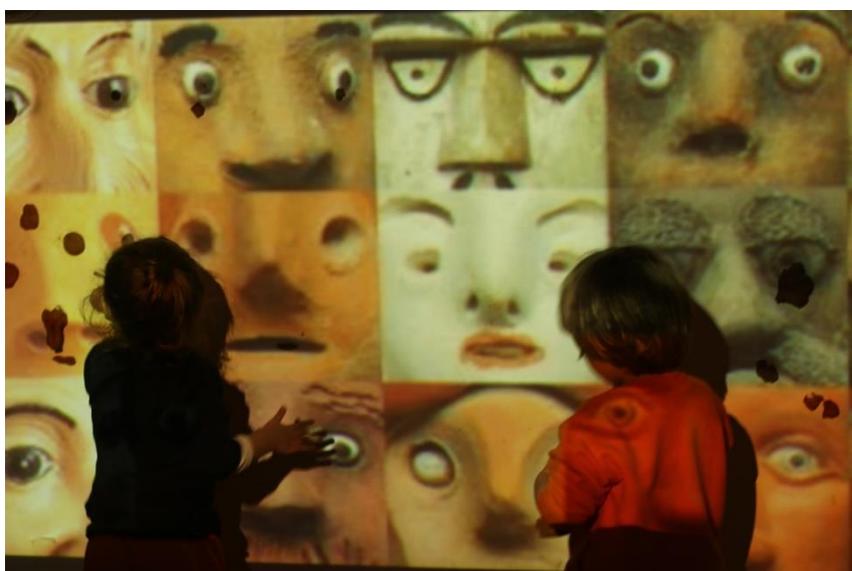
A todos os professores do curso A vez e a voz das crianças pela excelência e comprometimento com as aulas e os alunos.

À minha orientadora Maria Helena Pelizon muito querida e sempre disposta a ensinar.

Ao meu namorado Lucas Collina que me incentivou e esteve sempre presente durante todo o processo.

**GRATIDÃO!**

A criança é feita de cem.  
A criança tem cem mãos  
cem pensamentos cem modos de pensar  
de jogar e de falar.  
Cem sempre cem modos de escutar as maravilhas de amar.  
Cem alegrias para cantar e compreender.  
Cem mundos para descobrir.  
Cem mundos para inventar.  
Cem mundos para sonhar.  
A criança tem cem linguagens (e depois cem cem cem) mas roubaram-lhe noventa e nove.  
A escola e a cultura lhe separam a cabeça do corpo.



Dizem-lhe:  
de pensar sem as mãos  
de fazer sem a cabeça de escutar e de não falar  
de compreender sem alegrias de amar e maravilhar-se  
só na Páscoa e no Natal.  
Dizem-lhe:  
de descobrir o mundo que já existe e de cem  
roubaram-lhe noventa e nove.  
Dizem-lhe: que o jogo e o trabalho a realidade e a fantasia  
a ciência e a imaginação o céu e a terra  
a razão e o sonho são coisas  
que não estão juntas.  
Dizem-lhe: que as cem não existem  
A criança diz:  
ao contrário, as cem existem.

*Loris Malaguzzi*

## **RESUMO**

Neste trabalho apresento reflexões sobre o trabalho que desenvolvi, como professora, com um grupo de crianças de 2 anos, numa escola privada na cidade de São Paulo. O foco do meu trabalho está centrado na documentação pedagógica utilizando a fotografia como uma ferramenta potente para registrar as vivências, narrativas e construção da história do grupo, assim como as experiências individuais das crianças ao longo do ano. Relato a importância da documentação como forma de acompanhar e avaliar o processo, não só do professor como também o desenvolvimento e aprendizagem da criança. A observação e registros das propostas pedagógicas e atividades das crianças permitem a nós, educadores, revisarmos nossas práticas para compreendermos melhor o que as crianças estão vivenciando e de que forma isso acontece, recriando e produzindo as culturas infantis.

**Palavras-chaves:** Educação Infantil. Documentação Pedagógica. Fotografia.

## **SIGLAS UTILIZADAS**

G1: Agrupamento de crianças com idades entre 1 e 2 anos

G2: Agrupamento de crianças com idades entre 2 e 3 anos

G3: Agrupamento de crianças com idades entre 3 a 4 anos.

G4: Agrupamento de crianças com idades entre 4 a 5 anos.

G5: Agrupamento de crianças com idades entre 5 a 6 anos.

## **DESCRIÇÃO DOS CARGOS MENCIONADOS**

Auxiliar de classe: Auxilia a Professora titular nas propostas diárias e cuidado com as crianças.

Volantes: Auxiliam no que for preciso, mas principalmente nas trocas de fraldas.

Mediadora: Responsável em fazer a mediação da criança com o professor, e na aprendizagem com outras crianças e com ela mesma. Ajuda a pensar em flexibilização de materiais e nas questões mais sociais e emocionais presentes no cotidiano da escola.

Atelierista: As atelieristas elaboram, em parceria com as professoras e crianças, os projetos de trabalho; sempre em processo de coautoria e continuidade na projeção da pesquisa, que é de todos. O ateliê é um espaço elaborado com materialidades criteriosamente selecionadas para que as experiências e investigações possam acontecer valorizando ao máximo a escuta e os interesses do grupo. Ressaltamos que a maior riqueza desse trabalho são as ações recíprocas entre toda a equipe, pois uma ideia compartilhada alimenta a outra e enriquece a pesquisa que tem como foco principal o processo de criação

## SUMÁRIO

1. Introdução: Onde tudo começa.....	9
2. Justificativa .....	11
3. Referenciais Teóricos .....	13
3.1. A Importância da Documentação Pedagógica na Construção de um Aprendizado Respeitoso .....	14
3.2. Ação Docente e a Documentação Pedagógica .....	17
3.3. A Fotografia como Ferramenta da Documentação Pedagógica.....	19
3.3.1. O Conceito da Fotografia. Por Que Ela é Importante? .....	19
3.4. Um Olhar Jornalístico Sobre a Documentação Pedagógica .....	21
4. Relato de Minha Experiência .....	24
4.1. Caracterização da Escola .....	24
4.1.1. Organização e Funcionamento.....	24
5. Relato da Vivência.....	26
Considerações Finais .....	39
Referências bibliográficas .....	40

## 1. Introdução: Onde tudo começa

Desde que eu era muito pequena sempre gostei de estar perto e cuidar de crianças. Não tinha prazer em brincar com bonecas, aquele jogo simbólico de mamãe e filhinha etc., mas adorava segurar no colo bebês e ajudar a trocar fralda, dar banho e leite, quando possível. As amigas da minha mãe (que me conhecem desde pequena) ao saberem que sou professora logo dizem: “verdade? Você sempre gostou mesmo de cuidar de crianças, era cuidadosa”. Quando estava terminando o colegial e precisava decidir o que cursar, na minha cabeça eu não tinha dúvidas: Cursar enfermagem e, ao me formar, farei obstetrícia. Cursei dois anos e meio de enfermagem, mas notei que não era aquilo que eu queria e, então com ajuda do meu namorado consegui tomar coragem e trocar a área médica pela educação, ao iniciar pedagogia.

Iniciei a faculdade em agosto do ano de 2011 e, no início de 2012 comecei a estagiar na Escola Primeira onde estou desde então.

A Escola Primeira foi criada há dez anos inspirada na abordagem de Reggio Emilia na qual “a importância do inesperado e do possível é reconhecida possibilitando às crianças todo o tempo de que necessitam” (EDWARDS, C.; GANDINI, L., FORMAN, G. 1999, p.114) para o seu desenvolvimento e aprendizagem. Nessa perspectiva a proposta pedagógica tem como diretriz o “Trabalho por Projetos” que, pela própria natureza, são interdisciplinares e coletivos permitindo a participação das crianças, professores, famílias e comunidade. O trabalho por Projetos “visa a ajudar as crianças pequenas a extrair um sentido mais profundo e completo de eventos e fenômenos de seu próprio ambiente e de experiências que mereçam sua atenção” (idem p.38). Esses pressupostos já anunciam uma escola diferenciada, a escola como um lugar onde as crianças têm a possibilidade de vivenciar plenamente suas infâncias. As principais características que a distinguem das demais são: a preocupação em ajudar a criança a conhecer a si própria e desenvolver suas potencialidades; estimular o raciocínio e a criatividade a partir da resolução de problemas reais; ensinar a valorizar o outro e a trabalhar em equipe; contribuir para a formação nas crianças de uma consciência ambiental e coletiva; aguçar os interesses das crianças a interessar-se por aprender e gostar de lançar-se ao desconhecido; garantir às crianças um equilíbrio emocional. A metodologia e as práticas envolvidas no Trabalho

por Projetos são verdadeiros alicerces que darão sustentação para que todo o conteúdo do currículo em consonância com os Campos de Experiência na Educação Infantil, e às diferentes áreas do conhecimento do Ensino Fundamental I, possa ser edificado.

Para ser professor, nessa perspectiva, ele precisa estar aberto para querer aprender e encantar-se juntamente com as crianças. É necessário ser um pesquisador e um constante crítico de sua prática. É ele quem observa e faz a “leitura” dos interesses e das necessidades do grupo para estimular o aprofundamento das investigações e propondo novas perguntas e sucessivamente ir construindo coletivamente um corpo de conhecimentos significativos para as crianças. Não há respostas prontas e/ou pré-estabelecidas, assim como o trajeto não é determinado, mas construído ao longo do processo. O professor passa a ser o mediador desse processo de aprendizagem.

A partir dessa minha vivência de oito anos nessa escola, com esse olhar “diferenciado” para a educação, nasceu meu encantamento pela documentação/ registro das propostas e vivências oportunizadas às crianças dentro e fora da sala de aula. É prazeroso poder notar o interesse singular de cada criança e do grupo e, a partir dele, fazer um registro seja, fotográfico ou audiovisual para depois revisitar esse acervo com as crianças rememorando o vivido e ver a alegria do que foi “descoberto” por eles.

A documentação pedagógica me encanta por várias razões: ela permite saber o que as crianças pensam sobre os próprios registros; possibilita o meu crescimento pessoal, e também, e mais importante, propicia a nós professores avaliar e a replanejar continuamente nossa prática pedagógica. É uma metodologia potente e que só enriquece a nossa prática em sala de aula.

## 2. Justificativa

A partir do tema do meu trabalho de conclusão de curso “Uma docência narrativa: documentação pedagógica na educação infantil”, busquei ressaltar a importância de avaliar o processo, tanto das crianças quanto, do educador ao documentar os processos vividos no cotidiano escolar. Acredito na potência da educação infantil e na grande ferramenta que são os registros.

Na educação infantil as crianças nos mostram, desde muito pequenas, o quão são potentes sendo por meio da fala, gestos ou expressões não verbais. E, por que não darmos visibilidade a essas potências e, conseqüentemente, vozes às crianças ao relatarem o que mais gostaram em uma brincadeira ou situação que vivenciaram com um carvão, por exemplo?

Busquei na documentação pedagógica uma maneira de registrar os acontecimentos do dia-a-dia para que juntos possamos revisitar o que foi trabalhado, aprender a olhar e ser olhado, escutar e ser escutado numa percepção mais sensível.

A documentação é um processo que envolve várias instâncias do percurso de aprendizagem. Essa prática torna possível a elaboração reflexiva por meio da organização dos registros; possibilita avaliação e a projeção dos passos seguintes do currículo que emerge a partir dos interesses do grupo. A documentação possibilita ampla comunicação entre professores e crianças; entre as próprias crianças e entre a escola e famílias. A escola passa a ser um espaço de reconhecimento, de pertencimento, de resgate, de reflexão e ressignificação de conhecimentos. Implicar a criança na elaboração da documentação, pode trazer grandes descobertas e encaminhamentos para o que está sendo pesquisado e para a melhoria da relação entre crianças e entre crianças e adultos. É um processo aberto, possibilitando revisitar acontecimentos e detectar novos conceitos, estando em constante reinvenção e continuidade.

O objetivo é poder envolver todos as pessoas do processo em questão, educadores, crianças, coordenadores e familiares, dando visibilidade às experiências vividas.

Neste trabalho descrevo minha experiência de professora em um ano vivido com um grupo de crianças de dois anos numa escola privada de São Paulo. Busco

referências teóricas como GANDINI, BARBIER, BARBOSA, LAROSSA entre outros, para aprimorar o que acredito sobre a documentação na educação, mas, principalmente, na potência que ela tem na educação infantil.

Ressalto que as fotos apresentadas no trabalho estão com as imagens um pouco distorcidas e cobertas, em algumas áreas com tarjas por não ter conseguido a autorização, pelo fato de serem crianças da minha turma do ano de 2018 e muitas crianças já terem se desligado da escola.

### **3. Referenciais Teóricos**

Apresento os referenciais teóricos em quatro eixos. Início relatando a importância da documentação pedagógica como um processo de reflexão coletiva que auxilia o professor na escuta e observação das crianças possibilitando a construção de experiências significativas. Nessa perspectiva trago GANDINI e GOLDHABER (2002) e MENDONÇA (2009). No segundo eixo discorro sobre uma docência que rompe com um currículo prescritivo para a emergência de um currículo narrativo que enfrenta a imprevisibilidade das ações e descobertas das crianças valorizando suas experiências e vivências. Para tanto apresento BARBIER (2002); BARBOSA (2012); LARROSA 2003); BÁRCENA e MÉLICH (2000). No terceiro exploro a importância da fotografia como uma ferramenta importante para a documentação pedagógica e trago a perspectiva de CARRIERI (2017) sobre o ato de fotografar na educação. E finalmente apresento um olhar jornalístico sobre a documentação pedagógica a partir de uma entrevista com a jornalista Nana Tucci que é responsável por transmitir todos os acontecimentos/vivências do cotidiano da Escola Primeira para as famílias e comunidade.

### **3.1. A Importância da Documentação Pedagógica na Construção de um Aprendizado Respeitoso**

Na educação infantil, quando documentamos algo, estamos deliberadamente optando por observar e registrar os acontecimentos em nosso ambiente a fim de pensar e comunicar as descobertas do cotidiano das crianças e os acontecimentos que ocorrem nos lugares em que elas são educadas e cuidadas.

De acordo com MENDONÇA (2009, p. 125) “[...] Quando a instituição oferece condições para o desenvolvimento de atividades comprometidas com a humanização pela apropriação crítica e significativa da herança cultural, é possível afirmar que”:

- o ambiente constitui um espaço educativo ao favorecer ações e interações que conduzem à aprendizagem e ao desenvolvimento;
- os diferentes espaços organizados em sala de aula favorecem o desenvolvimento da autonomia das crianças, liberando as professoras para, com mais facilidade, observar e registrar as realizações infantis;
- as atividades realizadas pelas crianças transformam-se em documentação pedagógica nas mãos das professoras;
- o acompanhamento das produções infantis pelas professoras, em seu compromisso com a documentação, permitem uma regulação em tempo real das aprendizagens e do desenvolvimento almejados;
- as professoras documentam o dia-a-dia e o significativo que nele se dá, para repensarem e recomporem seu trabalho.

A documentação não é considerada como uma mera coleta de dados realizada de maneira distante, objetiva e descompromissada. Pelo contrário, ela é uma ferramenta para a construção de um aprendizado respeitoso, vista como uma observação e escuta atenta, registrada através de uma variedade de formas por nós, professores, que estamos contribuindo conscientemente com nossa perspectiva pessoal. Através da observação e da escuta atenta, podemos encontrar uma forma de enxergá-las e conhecê-las nos tornando capazes de respeitá-las pelo que elas são e pelo que elas querem dizer.

Segundo GANDINI E GOLDBER (2002) a documentação pedagógica é:

[...] um processo cooperativo que ajuda os professores a escutar e observar as crianças com que trabalham, possibilitando, assim, a construção de experiências significativas com elas. A documentação, interpretada e reinterpretada junto com outros educadores e crianças,

oferece a opção de esboçar roteiros de ação que não são construídos arbitrariamente, mas que respeitam e levam em consideração todas as pessoas envolvidas. O processo de documentar é capaz de ampliar a compreensão dos conceitos e das teorias sobre as crianças com a convicção de que, tanto para as crianças quanto os adultos, a documentação serve de apoio aos seus esforços para entender e para se fazer entender”. (p.150)

Assim, sabemos que para um observador atento às crianças dizem muito, antes mesmo de desenvolverem a fala. É necessário que registremos o que vemos e ouvimos, elaborando registros significativos das nossas observações. Podemos fazer anotações rápidas que em seguida reescreveremos de maneira extensa, gravar em áudios as vozes e as palavras das crianças ao interagirem entre si ou conosco. Também podemos tirar fotografias e fazer slides, mostrando para as crianças elas e nós em ação. O próprio trabalho das crianças e as fotografias desse trabalho devem ser considerados essenciais.

A documentação pode ser apresentada de muitas maneiras diferentes, incluindo painéis, registros em paredes, materiais escritos à mão ou digitados, portfólios, cadernos e ainda caixas, tecidos, instalações e outros tipos de materiais. O portfólio é também uma grande ferramenta que gera condições para avaliarmos o progresso, evolução da pesquisa de cada criança e do grupo.

De acordo com MENDONÇA (2009) as ações essenciais do processo de documentação pedagógica são: observar, registrar e refletir. Para a autora, “[...] observar requer do educador definição das intenções [...]”; e registrar “[...] é um recurso fundamental para auxiliar a memória [...]”, e finalmente refletir revelando-se como “[...] ser social, político, cultural e histórico” (p.64-68).

A experiência de revisar a documentação junto às crianças permite-nos ajudá-las a se conscientizarem da própria aprendizagem e a aprenderem a construir o próprio conhecimento. Além disso, quando as crianças veem a documentação juntas, tendem a relembrar suas ideias. Quando se trata de crianças de dois anos por exemplo, elas relatam suas sensações por meio de expressões não-verbais e gestos e cabe a nós, professores, ajudarmos a nomear o que sentem na situação vivida.

Sabendo da importância da documentação, tive a oportunidade de conversar com alunos do Ensino fundamental, crianças de aproximadamente nove anos, sobre

o que achavam que era uma documentação. Ao serem questionados não hesitaram em procurar maneiras para relatar o que pensavam: *“Documentação é um programa que as pessoas contam. Contam o projeto, documentações e documentários.”*. A partir dessas respostas fiz alguns questionamentos:

- 1- “O que vocês sentiam quando eram fotógrafos? Ou fotografados?” e, algumas, sensações foram descritas: *“Às vezes vergonha, feliz, animado e orgulhosa. Orgulhosa porque quer dizer que a pessoa gostou”*.
- 2- “Vocês ficam incomodados ou já sentiram que não queriam?": *“Aham, porque eu não queria tirar foto e minha mãe ficava falando: P., vem!”*.

Levando em consideração essa última afirmação vale lembrar que, a criança dentro desse contexto da documentação envolvendo a fotografia/ sua imagem sempre será respeitada. A partir do momento que o adulto percebe que a criança não está confortável naquela situação não pode haver a “insistência”. Como os adultos, as crianças também precisam observar, colaborar e pensar a fim de poderem organizar suas ideias e, posteriormente, dá-las a conhecer. A documentação requer um alto nível de comprometimento e curiosidade e uma dedicação apaixonada ao nosso trabalho. Ela redefine a nossa função dentro de nossa comunidade, por estar baseada em um diálogo e em uma colaboração contínua.

### 3.2. Ação Docente e a Documentação Pedagógica

A ação docente de registrar e documentar emerge como processo de acompanhar as crianças em seus percursos de aprender a interagir com outros no mundo e não avaliar o “sucesso de um programa” de aprendizagens previamente definido.

A partir do diálogo com professores constatei que a abordagem da documentação pedagógica na educação infantil convoca-nos a pensar a responsabilidade de uma docência que não avalia crianças, antes valora a ação educativa de acompanhá-las através da ação de narrar para compartilhar o viver juntos.

A ação pedagógica de documentar na Educação Infantil exige uma docência narrativa que: enfrente a imprevisibilidade de viver junto, propondo refletir a importância de uma ação docente que confie na criança e na sua potência – simultaneamente frágil e capaz – de agir no mundo; pense a infância como um modo de ser e estar no mundo; afirme a alteridade; tenha tempo para a experiência do encontro no cotidiano; escuta e aprende a narrar para refletir o vivido com as crianças pequenas e ao buscar nomear as experiências vividas, tome a palavra como acontecimento.

A ação pedagógica de documentar segundo RICHTER (2014, p.10) citando BARBIER (2002):

[...] contribui para abordar a complexidade da escuta sensível nos processos de encontro entre adultos e crianças no cotidiano da educação infantil ao afirmar que não há como compreender sem estar junto, sem fazer parte, sem ser constituinte neste processo de aprender a conviver. Enfim, sentir com o outro, estar implicado ao acolher que este outro tem algo a me dizer, compreender que “a criança não sabe menos, sabe outras coisas” (COHN, 2009, p.33).

Ao registrar as experiências com e das crianças, ao interpretar estas vivências e dar sentido às narrativas, o educador não está neutro, pois se sente parte do processo e comprometido com o caminho que levou a estas vivências. Para BARBOSA (2012), é preciso “narrar para construir tempo, ter tempo para criar

narrativas e, com isto, estabelecer um modo de se constituir como narrador singular e coletivo” (p.3).

A documentação pedagógica se manifesta como modo potente para narrar e acompanhar a criança em seus processos de aprendizagem. A ação de documentar como estratégia ética que torna visível o que a escola pensa e faz, torna potentes o planejamento e o registro pela narrativa que inventa um tempo entre o passado e o futuro, um tempo presente. “Narrar o que emerge no tempo presente do cotidiano supõe valorizar o processo vivido, um horizonte aberto no presente, e que, portanto, constitui quem somos neste preciso momento de nossas vidas” (LARROSA, 2003).

A ação de narrar as experiências com as crianças significa recordar e projetar. Neste sentido, não se trata de uma memória objetiva do passado e sim imaginação e interpretação do agora. Ao documentar é possível conhecer, organizar e comunicar o que foi vivenciado com as crianças e as famílias, pois ao narrar consiste em tornar visíveis as ações para quem as conta e para os outros.

O processo de aprendizagem que a ação de documentar é capaz de abarcar consiste em dois princípios fundamentais, que são os da reflexividade e da capacidade de imaginar alternativas. O primeiro diz respeito à capacidade de relembrar o passado e alterar o presente em função da reflexão, bem como ser capaz de alterar o sentido que tínhamos do passado em função do presente. Já o segundo, refere-se a pensar outros modos de ser e de estar no mundo (BÁRCENA e MÉLICH, 2000).

Assim, o planejamento e o registro, vivenciados narrativamente pela documentação, favorece a ação docente continuar sua prática com as crianças através de um planejamento flexível.

### **3.3. A Fotografia como Ferramenta da Documentação Pedagógica**

#### **3.3.1. O Conceito da Fotografia. Por Que Ela é Importante?**

A fotografia no geral, tem o dever de comunicar. O papel tanto do fotógrafo quanto de quem vê a imagem é decisivo não só para a realidade ali apresentada, mas também para o que pode surgir a partir dali. Segundo CARRIERI (2017):

“a fotografia é um instrumento que promove encontros para compartilhar o tempo. É um recurso valioso. As produções fotográficas que são realizadas na escola, por exemplo, seguem dois caminhos estratégicos: compartilhar produções fotográficas entre os professores e realizar experiências fotográficas que potencializem a fotografia pedagógica. Entre as atividades, estão a discussão de questões como a diferença entre o registro e a documentação, a fotografia como texto e narrativa, a câmera interna do professor e a consciência fotográfica para aprimorar a “escuta” da infância.”

Dessa forma, documentar não significa somente fazer fotos, mas dedicar um tempo para rever as imagens, seguindo o que foi pensando ao registrar aquele momento, para assim poder elaborar uma interpretação sobre como as crianças estão aprendendo. Para as crianças a documentação tem a função de ser um suporte à memória sobre os percursos de conhecimento que elas já vivenciaram. Quando nós, educadores, observamos as crianças vivendo uma experiência, devemos estar atentos para notar as próprias impressões e descrever o que elas fazem, sentem, dizem e como se relacionam.

Por isso a Documentação Pedagógica não é um conjunto de fotos aleatórias, mas uma seleção cuidadosa, de fotos tiradas intencionalmente para explicitar momentos de conquistas, descobertas, conflitos e crescimento e valorizar o processo de ensino-aprendizagem. O livro “A Reinvenção da Educação Infantil – Uma experiência de Reggio Emilia” traduz a documentação como “palavras e interpretações dos adultos, imagens dos processos educativos, palavras das crianças” (p.52).

Não podemos, no entanto, perder de vista seu papel. A fotografia, seja jornalística, artística, profissional ou não, está inserida na dinâmica da produção e recepção de sentidos na sociedade e, portanto, possui importante papel social. E, se

pensamos a sociedade contemporânea, fotografia e comunicação se tornam ainda mais entrelaçadas.

### 3.4. Um Olhar Jornalístico Sobre a Documentação Pedagógica

Como já sabemos, o papel do jornalista é atuar como mediador entre a sociedade e os acontecimentos interessantes e relevantes para o conhecimento do público. Privilegiadas são as instituições de ensino que têm a chance de estar junto com esse profissional e com um olhar sensível e voltado para a educação.

Na Escola Primeira, temos a oportunidade de conviver diariamente com a jornalista Nana Tucci que é responsável por transmitir todos os acontecimentos/vivências do cotidiano escolar para as famílias e comunidade.

Em uma entrevista com Nana, foram levantadas algumas perguntas a respeito de seu olhar para o processo de escrita dentro da escola.

1- O que você entende por documentação e o que acha interessante?

*Nana: Documentar nada mais é do que a gente contar uma história, seja por foto ou por vídeo, por texto em qualquer formato (textos curtos, por exemplo). É contar uma história e não deixar essa história desaparecer; é captar o que se passou/ o momento e observar o que pode ser feito a partir daquela situação. Documentar é tão interessante para quem escreve quanto para quem lê, pois quem escreve descobre várias coisas sobre o que foi vivido ao documentar. Você aprende e você entende muito quando você documenta. Às vezes você viu ou viveu uma cena e ficou na sua cabeça ali e sentiu (está dentro de você)...e quando você documenta é um momento de te ajudar a entender o que passou e, com isso fazer pensar o porquê aquilo mexeu com você, o que te fez sentir...*

*Falando a respeito mais do que eu faço, a documentação é um compartilhamento de algo. O que eu faço na Escola Primeira é documentar o cotidiano da escola, através de narrativas e isso chegar até outras escolas, pessoas, educadores podendo inspirar outras pessoas e tendo o “poder” de transmitir algo, sem ser algo que vai ficar guardado. O meu papel é identificar, entre todos os acontecimentos cotidianos da escola o que foi mais relevante e refletir sobre isso. A minha documentação é, absolutamente, não isenta pois tem muito do que eu achei, senti e meu olhar da narrativa que eu criei. É quase como se eu estivesse escrevendo uma história da história.*

2- Por que a importância de documentar, seja por meio da escrita ou foto?

*N: Existem muitas formas de documentar e a minha forma não é o convencional. Geralmente, em uma documentação, a gente começa documentando/observando um registro fiel do que se está vendo e isso não é o que eu faço. Eu tomo a liberdade de observar e criar uma historinha (com os fatos, claro) do que eu vi.*

*A documentação além de ajudar a pessoa que documenta a entender o que ela sentiu e o porquê ela documentou aquilo é um registro histórico de contar uma história que se perderia caso não fosse registrada, daquela forma; ela também para as crianças vai ser um registro muito importante dentro da linha do tempo delas, dentro da história do desenvolvimento delas é muito importante, pois pode ajudar a criança futuramente ou os pais a entenderem o percurso daquele Ser e o quanto ele já evoluiu, cresceu e passou por desafios. O documentar tem essa importância também na vida de quem viveu aquela história.*

3- O que e como a documentação ajuda no processo de aprendizagem?

*N: Uma coisa que eu percebo é que se você não documentar, é como se você morasse numa casa vazia, uma casa que não tem decoração, que não tem quadro, livros, enfeites. A documentação traz pra gente a nossa história, assim como a nossa casa como, por exemplo, um artesanato que a gente tenha trazido de uma viagem, um livro, uma roupa, ou seja, tudo conta sobre nós. E a documentação é isso...nossos processos! Então, acho que para as crianças é essencial elas se encontrarem ali naquele espaço, se enxergarem nas paredes, nas estantes e isso faz com que elas se reconheçam, se lembrem de sua trajetória e ajuda a dar mais um passo te ajudando a guiar, sabendo que você pode ir mais além. Eu vejo isso com os meus filhos quando eles veem os desenhos que penduraram em casa, do ano passado, e eles falam "Nossa, olha como eu desenhava e agora como eu desenho".*

4- Que tipo de escrita você acha "interessante" utilizar? Tem alguma específica?

*N: Eu não escolho uma maneira única de escrever. Tenho minha forma pessoal de escrever que não sei dizer, exatamente, qual é, mas, enxergo muito como simples, coloquial e poética, tendo uma forma de poesia na hora de escrever. Também acho que é uma forma que tem uma "brincadeira" na escrita. Eu tento ter um espírito, assim*

*como a criança, de enxergar brincadeira em tudo o que se faz tentando brincar um pouco com as palavras e percebo que quanto mais eu brinco, melhor fica.*

*Na minha escrita eu olho um todo, releio o que eu escrevi, sinto (é um “exercício” muito de sentir) o que aconteceu ali, naquele momento, por exemplo. É algo que vem do jornalismo, de quando a gente faz uma cobertura jornalística a gente não faz algo descritivo, isso não é jornalismo. Você tem que pensar, a gente chama de “lead”, que a gente começa com o mais importante que aconteceu ali. E é isso que eu trago, também, um pouco pra documentação que é o que, no ponto de vista, é “mais relevante” pra eu poder passar isso para as pessoas, ligado à educação, à pedagogia da escola.*

Após essa entrevista, trago dois trechos do livro “Diálogos com Reggio Emilia: Escutar, investigar e aprender” que fala do real significado da escuta, abertura e sensibilidade de ouvir e ser ouvido – ouvir não somente com os ouvidos, mas com todos os nossos sentidos (visão, tato, olfato, paladar, audição e também direção):

“A escuta exige uma profunda consciência e a suspensão de nossos julgamentos e, acima de tudo, de nossos preconceitos; demanda abertura à mudança. Requer que tenhamos claro em nossa mente o valor do desconhecido e que sejamos capazes de superar a sensação de vazio e precariedade que experimentamos sempre que nossas certezas são questionadas” e “Essa capacidade de escutar e de alimentar expectativas recíprocas, que possibilita a comunicação e o diálogo, é uma qualidade da mente e da inteligência, particularmente na criança pequena. É uma qualidade que requer compreensão e apoio. Os educadores que sabem como observar, documentar e interpretar os processos que as crianças experimentam autonomamente perceberão, nesse contexto, seus maiores potenciais para aprender como ensinar.” (RINALDI, 2012, p.125-126)

## **4. Relato de Minha Experiência**

Trouxe para este Trabalho de Conclusão de Curso minha experiência como professora de um agrupamento de crianças de dois anos na Escola Primeira.

### **4.1. Caracterização da Escola**

#### **4.1.1. Organização e Funcionamento**

A Escola Primeira é da rede privada, localizada na região central de São Paulo, no bairro da Vila Nova Conceição. É uma escola com, aproximadamente, 250 alunos, envolvendo tanto a Educação Infantil (G1 a G5) quanto o Ensino Fundamental. Criada há dez anos, em 2009, por Cristina Fernandes, formada em Letras e com uma bagagem de mais de vinte anos no ensino de Língua Portuguesa. Sob a assessoria da Doutora em Educação, Maria Alice Proença, a escola nasceu com inspiração na abordagem Reggio Emilia, referência mundial em Educação Infantil.

Hoje a escola cresceu, amadureceu sua prática e já conta com um numeroso time responsável de coordenadoras pedagógicas: Ana Lúcia Figueira, responsável pelas turmas de G1 a G3; Renata Chican, G4 e G5 e responsável pela parte de Inclusão; Paola Versignassi, Semi e Integral e Anna Marianno, Ensino Fundamental e assessora Maria Alice Proença com ampla experiência em outras escolas de São Paulo.

A escola apresenta três salas de G1 e G5, quatro de G2, cinco de G3, dois de G4 e uma sala de primeiro, segundo e quarto ano. Cada sala de aula é composta por uma Professora titular e uma Auxiliar de classe. As salas de G1 e G2 além de terem auxiliares, também possuem o apoio de uma volante que dão o suporte para as trocas de fraldas.

Na cozinha há três cozinheiras responsáveis pelo lanche, almoço e janta, onde a opção é pela comida fresca, saudável e preferencialmente orgânica. Os lanches e os almoços das crianças seguem um cardápio balanceado, elaborado mensalmente por uma equipe de nutricionistas, evitando alimentos industrializados ou pré-prontos. Para garantir o frescor dos ingredientes e incentivar a comunidade de pais, alunos e

professores a optar por uma alimentação orgânica, sustentável e mais saudável, há uma feira orgânica que é realizada às segundas-feiras dentro da escola.

Na escola há três possibilidades de período estendido. O curso extra de inglês First Way (12h-15h15 ou 10h15-13h15), o período semi-integral (8h-15h15) ou o período integral (8h-18h).

No período semi-integral, as crianças ficam em grupos multietários (idades variadas), das 12h às 15h15. Eles almoçam (12h), fazem uma soneca (se necessário), participam de propostas em que o brincar está muito presente e lancham (14h30).

O período integral é diferente para crianças de G1 e G2 e para crianças a partir de G3 até o 5º ano. Por entendermos que os pequenos de G1 e G2 sentem-se mais seguros quando têm uma rotina e um professor de referência, o período integral, especialmente para eles, segue o mesmo formato do período regular. Eles têm na rotina tempo para o livre brincar e atividades pensadas a partir de brincadeiras, além de aulas de Música e Inglês. O período inclui almoço (12h), lanche (horário variável) e jantar (17h30).

Para crianças a partir do G3 até o 5º ano, nosso período integral inclui a vivência diária no curso extra de inglês First Way e, distribuídas na rotina da semana, aulas de Engenhocas Tecnológicas (recursos de Marcenaria à Robótica), Horta e Nutrição, Teatro, Música e Capoeira. Há também a possibilidade de desenvolverem eventuais projetos, no formato daqueles do período regular, de acordo com o interesse da turma. O período integral inclui almoço (12h), lanche (15h15) e jantar (17h30).

## 5. Relato da Vivência

Desde o período de adaptação iniciamos um processo de escuta, onde todos os “movimentos” que a criança realiza como: maneira como brinca, se envolve nas propostas ou na postura com os amigos, por exemplo, são observados de maneira atenta. A partir das “pistas” que nos são apresentadas, começamos a trazer elementos que complemente o que está acontecendo.

Inicio agora o relato dessa experiência que vivenciei, durante o ano de 2018, com um agrupamento de crianças de dois anos.

Em um vai e vem de tirar fotos e registrar momentos vividos pelas crianças, notei que, ao serem fotografadas, algumas delas gostavam de fazer poses, caretas e até mesmo queriam segurar o celular para tirar foto ou pediam para ver o que eu havia fotografado. Também ficou nítido o interesse por se olhar, se perceber e se reconhecer na frente do espelho.



*“Fefê, tira uma foto minha? Xiss...”*



*“Me reconheço, me aprecio e me gosto”*

Então, mergulhei em uma pesquisa envolvendo as diversas linguagens para compreender primeiramente o interesse desse grupo pela **FOTOGRAFIA**. Como era um grupo de crianças de dois anos, comecei trabalhando a música: “Palhacinho de brinquedo, sua cara feia não me mete medo. Tenho medo sabe do quê? Da cara feia que todo mundo vai fazer”, para que cada um pudesse criar a sua própria careta e depois segui para diferentes propostas e vivências, como: projetar imagens das próprias crianças, em tamanho grande, na parede e disponibilizar máquinas fotográficas para ver o que seria criado e imaginado a partir dali.



*“Fotografando e sendo fotografado”*

Ao ler o livro de RINALDI (2012) li a seguinte frase:

“[...] os educadores que sabem como observar, documentar e interpretar os processos que as crianças experimentam autonomamente perceberão, nesse contexto, seus maiores potenciais para aprender como ensinar” (p.129).

E é essa frase que me mobiliza na minha profissão. Observar o que elas estão me falando e mostrando para pensar em quais caminhos e novas formas vou poder percorrer.

Em outra proposta para o grupo trouxe um vídeo do artista “Kazuo Oh” – Butoh – que trabalha com performance e as diversas expressões faciais e corporais. Ao longo dessa vivência, uma das crianças falou: “Ela está fazendo cara de triste.”



*“Observar o vídeo, artistas e seus movimentos. Levantar hipóteses, nomear os sentimentos e sensações.”*

Para ampliar ainda mais o repertório, após várias *CARAS* e *BOCAS* resolvi “explorar” essas **CARETAS** de uma forma diferente: provando alimentos “doces” e “amargos”. Com isso, fomos até a feira orgânica e compramos rabanete e banana.



*“Ida à feira orgânica para comprarmos banana e rabanete.”*



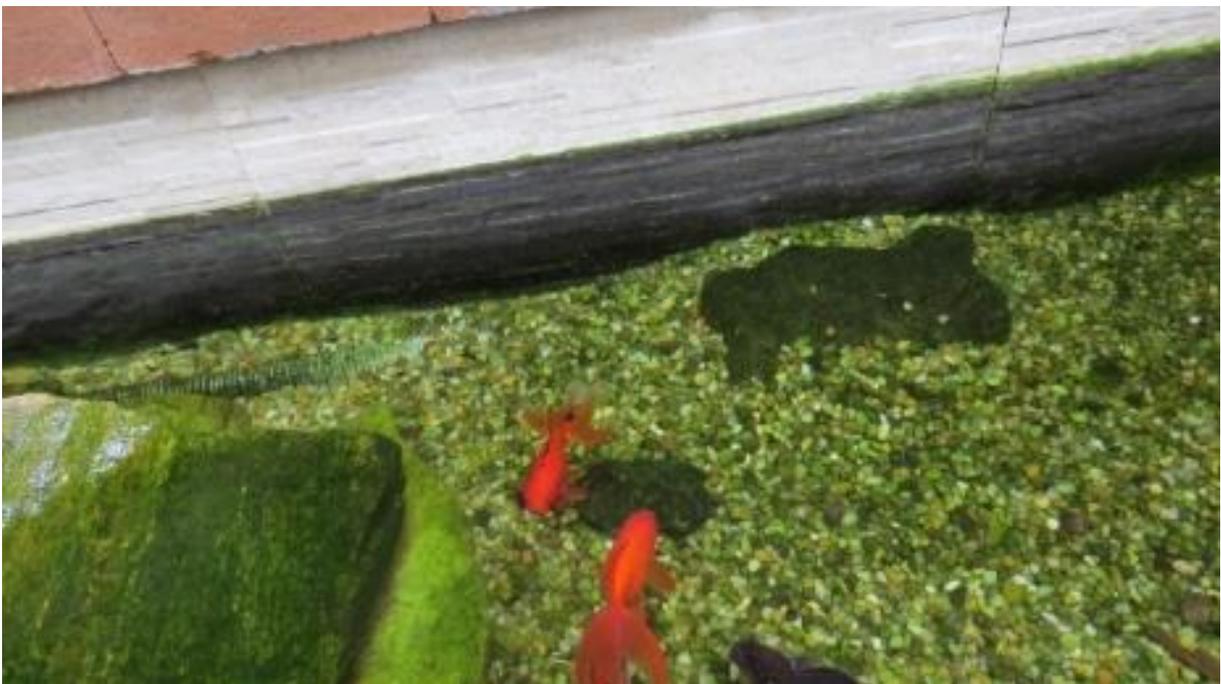
*“Fala ao experimentar o rabanete: Eca, não quero mais.”*

Como o interesse ainda era grande, na questão do “Se olhar” e querer registrar tudo o que era vivenciado como brincadeiras; pose; ou um bichinho que encontrara no parque, por exemplo, propus um dia de fotografia, no qual as crianças seriam protagonistas. Nesse sentido munidos de máquinas fotográficas, passaram a registrar o que mais gostava ou achava bonito na escola, tudo da maneira deles. O resultado vai de encontro com o que tenho dito e acreditado sobre a minha prática pedagógica e confirmado por RINALDI (2012):

“Se nós acreditamos que as crianças têm teorias, interpretações e questões próprias e que são coprotagonistas dos processos de construção do conhecimento, então os verbos mais importantes na prática educativa não são mais “falar”, “explicar” ou “transmitir” -, é apenas “escutar”. Escutar significa estar aberto aos outros e ao que eles têm a dizer, ouvindo as cem (e mais) linguagens com todos os nossos sentidos [...]”. (p.227).



*“Fotografaram o lixo reciclável”*



*“Fotografaram os peixes do aquário”*



*“Fotografaram uma parede com grafite”*



*“Além de registrarem o que viam, também posaram para a foto do amigo.”*

Para que os pais não ficassem de fora desse interesse e pesquisa, pedimos que cada criança fizesse o registro, por meio de fotos, das caretas de seus pais, onde elas tivessem a autonomia de tirarem sozinhas as fotos. Após essa parceria, chegou a hora da integração com crianças de outro grupo. Com isso, se transformaram em modelos para um desenho de observação.



Como já dizia Mário Quintana:

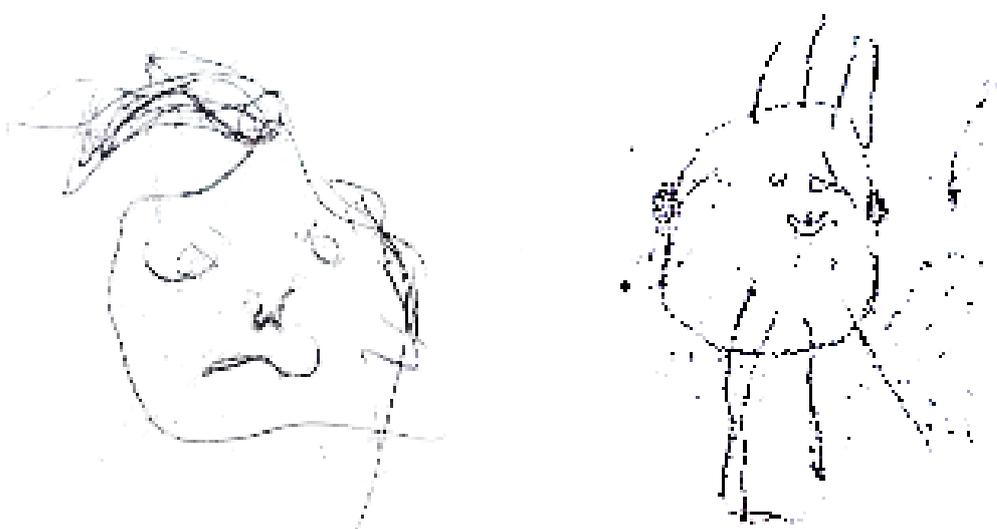
“No retrato que me faço  
- traço a traço -  
às vezes me pinto nuvem,  
às vezes me pinto árvore...  
às vezes me pinto coisas  
de que nem há mais lembrança...  
ou coisas que não existem

mas que um dia existirão...  
e, desta lida, em que busco  
- pouco a pouco –  
minha eterna semelhança,  
no final, que restará?

Um desenho de criança...

A curiosidade de como seria essa proposta estava clara no rosto de cada criança e o envolvimento de cada um ocorreu de uma forma singular. Tivemos crianças que se mostraram resistentes ao participar da atividade de desenho de observação como, também, outras que aceitaram o convite e pediram uma caneta para desenhar o outro. É interessante estarmos atento à postura de cada aluno e ver quais possibilidades podemos oferecer para que seja possível envolvê-lo naquilo que é ofertado.

Após o término da proposta ficaram felizes em observar como ficou o desenho.



*“Alguns registros gráficos.”*

Quando as crianças retornaram no segundo semestre, o interesse pelo “EU” e o “OUTRO” permaneceu muito forte, mas com o foco em tudo o que era GRANDE e nas características das partes do corpo, como cabelo, orelhas, olhos, nariz. Comecei então a explorar a webcam das mais variadas maneiras, como projetando na parede ou no computador e fazendo pesquisas de autorretratos e retratos de alguns artistas como Giuseppe Arcimboldo e Picasso. A multiplicação das imagens entre os meios tecnológicos possibilitou uma aproximação do olhar para as diversas expressões, e as crianças puderam observar seus gestos e características, fazendo com que aprimorassem sua percepção de si e do outro.

Com a parceria das atelieristas, montei um espaço pensando na experiência que as crianças poderiam vivenciar sem que houvesse qualquer intervenção por

nossa parte. Então disponibilizamos, no ateliê, caixas de papelão e uma câmera webcam e, então, a “magia” desse pequeno aparelho despertou reações e experiências únicas para o grupo.

Segundo DAHLBERG e MOSS, pesquisadores da pedagogia de Reggio Emilia, as atelieristas “apoiam e desenvolvem as linguagens visuais de crianças e adultos, dentro do complexo processo de construção do conhecimento” (In VECCHI, 2013, p. 35).



*“Possibilidades com a caixa de papelão. As crianças começaram a dar um novo “ritmo” para suas descobertas.”*

O garoto B., interessado e curioso pelas imagens que apareciam na parede, resolveu investigar o que havia de “mágico”. Uma moldura que fazia com que, as crianças que se colocavam ali, apareciam em outro lugar. Corpo vai, corpo vem, até que B. resolveu colocar um braço, encaixar o outro e... seu corpo tomou forma! Quando menos esperávamos, B. havia se encaixado por inteiro e, então, uma brincadeira surgiu!



*“Trem, barco, avião? Quais foram as possibilidades que esse movimento despertou?”*

Três crianças que o observavam, logo entraram na brincadeira. Encaixa um, encaixa outro, até que, de repente, uma simples moldura tem um novo olhar e quem sabe um novo rumo! Quantas eram as expressões nesse caminhar!

Nesse ritmo, conheceram mais um artista que trabalha com as expressões, sentimentos e emoções e dessa experiência, puderam cuidar das relações e das emoções geradas expressando seus sentimentos e aprendendo a comunicá-los.



*Artista: Bem Rubin*



A partir dessas vivências e experiências de observações envolvendo diferentes artistas e suas obras, cada criança pôde produzir suas próprias “caras” (olhos, narizes, bocas e diferentes expressões...) com argila e materiais não estruturados.



*“Produção utilizando fita e tampas de garrafas”*



A multiplicação das imagens entre os meios tecnológicos, artesanais e experimentais, possibilitou uma aproximação do olhar para as diversas expressões. Puderam observar seus gestos e características fazendo com que aprimorassem sua percepção de si e do outro. Com isso, as crianças cuidaram das relações e dos sentimentos gerados, expressando seus sentimentos e aprendendo a comunicá-los. Mais que uma pesquisa de imagens, um trabalho de reconhecer a si mesmo e reconhecer os outros, um desafio muito importante para as crianças dessa faixa etária.

## **Considerações Finais**

Esse trabalho foi importante para eu perceber o processo de construção e ampliação de conhecimento que as crianças adquiriram ao longo do processo e a potência que cada uma é capaz de expressar.

O prazer que tive em registrar e documentar os fatos dentro e fora da sala de aula sendo do grupo ou individualmente, realçou, ainda mais, a importância da documentação pedagógica porque as crianças nos mostram que além de serem criativas estão atentas a tudo, principalmente, naqueles momentos em que não estamos diretamente com o foco de nossa atenção, por exemplo. Compreender a maneira como os professores e outros profissionais envolvidos entendem e praticam a documentação pedagógica é algo muito interessante. É possível observarmos as diferentes formas de olhar, sentir e registrar as situações vividas.

Assim como citei anteriormente, retomo aqui as palavras de LARROSA: narrar o que emerge no tempo presente do cotidiano supõe valorizar o processo vivido, um horizonte aberto no presente, e que, portanto, constitui quem somos neste preciso momento de nossas vidas (2003).

A fotografia, documentação e as mais diferentes formas de registros estão ligados em nossa vida desde o nascimento. É através deles que colecionamos momentos, histórias e lembranças afetivas que se tornam ricas quando há possibilidades de revisitarmos.

É importante citar que houve alguns contratemplos durante a pesquisa, e que não foi possível realizá-la da forma como eu esperava. Contribui com o meu melhor e pretendo ampliá-la em outro momento com mais ideias e materiais.

## Referências bibliográficas

**CARRIERI, A.** “A fotografia como ferramenta de documentação pedagógica”. Disponível em <http://bigfishco.com.br/oebi/a-fotografia-como-ferramenta-de-documentacao-pedagogica-andre-carrieri/> visualizado em 03/06/2020.

**CISNEROS, C.; ZAMORA, À.** “Construir a própria história com fotos”. In: Revista In-Fan-cia- educar de 0 a 6 anõs. Espanã: Revista de la Asociación de Maestros Rosa Sensat, nº 59, enero/febrero, 2000. Pp.15 – 18. Trad. Livre, VALVERDE, Sonia Larrubia.

**GANDINI, L.; GOLDHABER, J.** “Duas reflexões sobre a documentação”. In: GANDINI, L.; EDWARDS, C. (orgs.). Bambini: a abordagem italiana à educação infantil. Porto Alegre: Artmed, 2002.

**GARCIA, J., PAGANO, A., PRANDI, R.** A Reinvenção da Educação Infantil: Uma experiência de Reggio Emilia. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2009.

**MACHADO, N.S., RICHTER, S.** “Documentação pedagógica na Educação Infantil: por uma Docência Narrativa”. X ANPED SUL, Florianópolis, 2014.

**RINALDI, C.** Diálogos com Reggio Emilia: Escutar, investigar e aprender. São Paulo: Paz & Terra, 2012.

**TARDOS, A.** “Marian Reismann: Relações”. In: Revista De La In-Fan-cia. Espanã: Asociación de Maestros Rosa Sensat, nº42, marzo/abril, 1997. pp. 12 – 17. Trad. Livre, LARRUBIA, Sonia Valverde.

**DAHLBERG, G., MOSS. P.** Nota sobre la terminología de Reggio Emilia. In Arte y Criatividade en Reggio Emilia – El papel de los talleres em la educación infantil y sus posibilidades. Madrid: Editora Morata, tradução da autora, 2013.

**MENDONÇA, C. N.** de. Documentação Pedagógica como Processo de Investigação e Reflexão na Educação Infantil. Tese de doutorado em Educação - Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, 2009.

**MÉLICH, J. C.** La educación como acontecimiento ético. Barcelona: Paidós, 2000.

**BÁRCENA, F.** El delirio de las palabras: ensayo para una poetica del comienzo. Barcelona: Herder, 2004.

**LARROSA, J. Notas sobre a experiência e o saber da experiência.** In: Revista Brasileira de Educação. n. 19. São Paulo, p. 20 – 28, jan/fev/mar/abr, 2002.

**BARBOSA, M. C. S. Tempo para viver o cotidiano.** In Revista Pátio, Porto Alegre: Grupo A Educação S.A., Ano X, julho/setembro p.8-11, 2012.